

(Redigido, nos primeiros e últimos versos, com frases do próprio CASALDÁLIGA, de quem já um dia afirmei que lidava com os sonetos como Mozart com as sonatas).

**Partes, mas deixas-nos um verão
de paz e de coragem; guerrilheiro
do mundo, da Igreja e de ti mesmo.**

(Pedro Casaldáliga)



voou teu coração cheio de nomes!...

**adéu, adeus, tchau
querido Pedro**

Voou teu coração cheio de nomes!...
A amálgama de amores que cultivas
vai tecendo um tapete de sempre-vivas:
flores regadas de mulheres e homens.
Tapirapés sulcando o Araguaia
com orgulho de raça rediviva
desenham com a água azul festiva
teu nome nas areias da praia.
E te acolhe o Mistério num abraço
sem fim, que te deleita em Seu regaço
de eternidade sem sombra de egoísmo.
Partes, mas deixas-nos um verão
de paz e de coragem; guerrilheiro
do mundo, da Igreja e de ti mesmo.



Casaldália

JOSÉ I. GONZÁLEZ FAUS

https://www.religiondigital.org/miradas_cristianas/ADEU-ADIOS-TCHAU-QUERIDO-PEDRO_7_2257944201.html



Aos noventa e dois anos e afetado por Parkinson, o bispo-poeta preparou a sua “partida”, o epitáfio do bispo Pedro Casaldáliga: “Para descansar, uma cruz de pau à chuva e ao sol”.

o epitáfio do bispo Pedro Casaldáliga: *“para descansar, uma cruz de pau, à chuva e ao sol”*

- Quis ser sepultado no cemitério dos excluídos, frente ao rio Araguaia.
- É o cemitério dos sem-terra, dos que quase não têm sítio onde enterrar-se. O daquele tempo em que as crianças morriam às dezenas, e em que os seus pais os enterravam dentro de caixas de sapatos.
- Um grito pela terra e pela liberdade percorre as estrofes do seu poema-epitáfio: “Para descansar / eu quero só / esta cruz de pau / à chuva e ao sol / estes sete palmos / e a Ressurreição”. Eis o epitáfio que D. PEDRO CASALDÁLIGA quis que se colocasse sobre o seu túmulo, no cemitério dos excluídos de São Félix, à vista da beleza sem par do rio Araguaia.

O epitáfio faz parte de um poema escrito pelo próprio bispo Pedro que o seu vigário geral, o agostinho Félix Valenzuela, me mostrou, com temor e tremor. Escrito à máquina numa folha que o seu amigo e íntimo colaborador de há tantos anos conservava dobrado na carteira. Como uma relíquia, como um tesouro, como um dever doloroso, mas necessário.

Lúcido, mas vítima de um **Parkinson que foi progredindo sem cessar** e que já, apenas, lhe

permitia falar, há anos que Casaldáliga, plenamente consciente da sua situação, tinha tudo previsto. Não queria acarretar problemas aos seus amigos agostinhos. Apenas o seu amor doado em pedaços, a sua grata lembrança e as suas recordações espalhadas

por toda a casa.

São bem simples as suas últimas vontades, tal como a sua vida o foi. *Sicut vita, finis ita* (morremos como vivemos). Um epitáfio sob a forma de poema. Lógico, num poeta da categoria de Casaldáliga. E um túmulo simples, **sem qualquer ostentação**, num cemitério abandonado: cemitério Karajá



Cemitério Karajá

No poema dedicado ao seu epitáfio com o título '*Cemitério de sertão*' enumera os elementos essenciais do seu descanso eterno

No estribilho do poema dedicado ao seu epitáfio intitulado "***Cemitério de sertão***", enumera os elementos essenciais do seu eterno descanso: **a cruz de pau, a chuva e o sol, os sete palmos de terra exigidos para o enterro no Brasil**, e a Ressurreição.

Para morrer, apenas os sete palmos, não queria nem necessitava de mais. Para viver, porém, reclamava a parte justa de terra. Por isso é que **o grito pela terra** percorre, de princípio ao fim, o poema do seu epitáfio. Dedicou a sua vida a lutar por ela, e aqui apresenta, também, a sua morte como derradeira oferenda. Por esse direito sagrado à terra que não é dos latifundiários, dos

doutores Ninguém, mas de Deus.

Na segunda estrofe, continua a ressoar o grito da terra para os sem-terra, **num país de enormes latifúndios**. O direito à terra, acima da lei dos homens e de acordo com a lei da própria Terra, a que têm direito, também, os pobres "sem voz e sem vez" e os seus filhos. Porque os filhos do povo são povo também. Pessoas humanas, com a sua sacrossanta dignidade.

O grito da terra continua presente na terceira estrofe. Esse grito pelo qual arriscou a vida por várias vezes, e que causou a morte do **seu companheiro e presbítero João Bosco**, assassinado por uma bala destinada a si.

E por isso proclama que o direito à terra não pode ser detido, nem com dinheiro nem com arame farpado, porque os pobres também têm facas. **As armas da não violência ativa** com que defendem os seus direitos. A não violência ativa que são os braços dos pobres que rodeiam o céu e a terra.



Cemitério Karajá

E na última estrofe acrescenta o grito da terra e da **liberdade**. Os pobres exigem terra e liberdade. Não existe a primeira sem a segunda, nem a segunda sem a primeira. São dois direitos que se exigem mutuamente. Não como uma esmola, nem como se os pobres tivessem de comprar o que é seu. Porque no reino do diabo-dinheiro, os pobres não se vendem, e os ricos, por muito podres que estejam de dinheiro, nunca poderão comprar a Deus.

Casaldáliga quis que este epitáfio-grito pelo direito da terra, ficasse presente no seu túmulo, situado num cemitério abandonado, nos arrabaldes da **cidade de São Félix**. O cemitério dos sem-terra, dos que quase não tinham sítio onde ser enterrados. No tempo em que as crianças morriam às dezenas, e os pais as enterravam dentro de caixas de sapatos.

Neste **cemitério dos excluídos** restam, apenas, umas quantas cruzes e túmulos sem nome. Mortos desconhecidos, condenados, em vida, à escravidão da falta de terra própria e, na morte, ao esquecimento. Ninguém se lembra deles. Ninguém lhes leva flores. Ninguém os chora.

Atualmente, o cemitério está completamente abandonado e coberto de tojos e mato. No centro do cemitério de outrora, ergue-se uma grande cruz sobre uns degraus de cimento. Ao lado uma enorme mangueira. E, em frente, o **rio Araguaia**, largo, belo e caudaloso, que desliza quase lambendo as paredes do cemitério dos

esquecidos.

Foi aqui que ele quis ser enterrado, no cemitério dos seus, daqueles a quem dedicou a sua vida. O bispo dos excluídos, descansando, eternamente, junto dos abandonados. É quase certo que, após a sua morte, o cemitério não tardará a converter-se num local de peregrinação. Por estrada ou pelo rio, que ele **tantas vezes sulcou em canoa de remos**, continuarão a chegar até ali os lamentos dos sem-terra, o pranto dos negros, as lágrimas dos camponeses, e os sons da dança da paz dos índios karajás, que continuam a morar mesmo em frente, na maior ilha fluvial do mundo. Ao santuário de São Pedro Casaldáliga. Ora por nós.

Foi aqui que ele quis ser enterrado, no cemitério dos seus, daqueles a quem dedicou a sua vida. O bispo dos excluídos, descansando, eternamente, junto dos abandonados. É quase certo que, após a sua morte, o cemitério não tardará a converter-se num local de peregrinação. Por estrada

ou pelo rio, que ele tantas vezes sulcou em canoa de remos, continuarão a chegar até ali os lamentos dos sem-terra, o pranto dos negros, as lágrimas dos camponeses, e os sons da dança da paz dos índios karajás, que continuam a morar mesmo em frente, na maior ilha fluvial do mundo. Ao santuário de São Pedro Casaldáliga. Ora por nós.



Cemitério Karajá

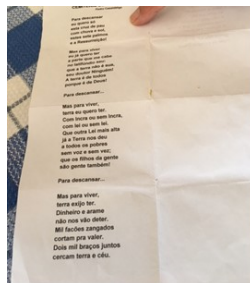
Cemitério de sertão

Para descansar
eu quero só
esta cruz de pau
com chuva e sol,
estes sete palmos
e a Ressurreição!
Mas para viver
eu já quero ter
a parte que me cabe
no latifúndio seu:
que a terra não é sua,
seu doutor Ninguém!
A terra é de todos
porque é de Deus!
Para descansar...
Mas para viver,
terra eu quero ter.
Com Incra ou sem Incra,
Com lei ou sem lei.
Que outra Lei mais alta

já a Terra nos deu
a todos os probes
sem voz e sem vez;
que os filhos da gente
são gente também!
Para descansar...
Mas para viver,
terra exijo ter.
Dinheiro e arame
não nos vão deter.
Mil facões zangados
cortam para valer.
Dois mil braços juntos
cercam terra e céu.
Para descansar...
Mas para viver,
terra e liberdade
eu preciso ter.
E não peço esmola
nem compro o que é

meu.

A Sudam e o diabo
podem se vender:
gente não se vende,
nem se compra Deus!
Para descansar...



poema-epitáfio de Casaldáliga

https://www.religiondigital.org/rumore_s_de_angeles/epitafio-Don-Pedro-Casaldaliga-descansar-cementerio-abandonado_7_2258844104.html
(13.08.2020)

JOSÉ MANUEL VIDAL



O bispo poeta Pedro Casaldáliga e a tradição da mística poética espanhola

O bispo **PEDRO CASALDÁLIGA** - não gostava do título de Dom - foi transfigurado no dia 8 de agosto de 2020, com noventa e dois anos de idade. Catalão, veio para o Brasil e foi sagrado bispo em 1971 para a Prelazia de São Félix do Araguaia-MT. Foi pastor exemplar, profeta corajoso, poeta de grande gabarito e místico de olhos bem abertos. Notabilizou-se por se colocar, decididamente, ao lado dos indígenas e peões expulsos das suas terras pelo avanço do latifúndio. A sua Carta Pastoral de 1971 ***”Uma Igreja da Amazônia em Conflito com o Latifúndio e a Marginalização Social”***, provocou várias ameaças de morte e de expulsão do país pela ditadura Militar.

Aqui atenho-me, apenas, a alguns tópicos da sua poesia e da sua mística, que estão na linha da grande tradição espanhola de SÃO JOÃO DA CRUZ e de SANTA TERESA D’ÁVILA. Alguns estão em espanhol, outros em português.

VIVEU A POBREZA EVANGÉLICA EM GRAU EXTREMO:” Não ter nada / não levar nada / não poder nada / e de passagem, não matar nada / não calar nada. / Somente o Evangelho como faca afiada / e o pranto e o riso no olhar / e a mão estendida e apertada/ e a vida, a cavalo, dada. / E este sol e estes rios e esta terra comprada / com testemunhas da ressurreição já estalada. / E mais nada”.

AO ENFRENTAR OS OPRESSORES, DIZ CORAJOSO: ”Onde tu dizes lei, eu digo Deus. / Onde tu dizes paz, justiça, amor / eu digo Deus. / Onde tu dizes Deus / eu digo liberdade, justiça, amor”. ESTES VALORES SÃO OS VERDADEIROS NOMES DE DEUS. AMEAÇADO DE MORTE, ESCRIVE UMA CANTIGA À MORTE:

“Ronda a morte rondeira / a morte rondeira ronda / já o disse Cristo antes de Lorca. / Que me rondarás, morena, / vestida de medo e sombra. / Que te rondarei, morena, / vestido de espera e glória. / Tu me rondas em silêncio / eu te rondo na canção. / Tu me rondas de agulhão / eu te rondo de laurel. / Que me rondarás / que te rondarei. / Tu para matar / eu para nascer. / Que te rondarei / que me rondarás. / Tu com guerra e morte / eu com guerra e Paz. / Que me rondarás em mim; / ou nos pobres de meu Povo / ou nas fomes dos vivos / ou nas contas dos mortos. / Me rondarás bala / me rondarás noite / me rondarás asa / me rondarás carro. / Me rondarás ponte / me rondarás rio / sequestro, acidente / tortura, martírio, / temida. Chamada / vendida / comprada / mentida / sentida / calada / cantada. / Que me rondarás / que te rondarei / que me rondaremos / todos / eu / e Ele. / Se com Ele

morremos / com Ele viveremos. / Com Ele morro vivo / por Ele vivo morto. / Tu nos rondarás / mas nós te pegaremos”.

MAS NADA TEME: **”E chegarei de noite / com o feliz espanto / de ver / por fim / que andei / dia após dia; / sobre a própria palma de Tua Mão”.**

ESTE POEMA REMETE-NOS PARA SÃO JOÃO DA CRUZ, DO CÂNTICO ESPIRITUAL:

“Por aqui ya no hay camino”. / Hasta donde no lo habrá? / Si no tenemos su vino / la chicha no servirá”?

“Legarán a ver el dia / quantos con nosotros van? / Como haremos companhia / si no tenemos ni pan?”

Por donde iréis hasta el cielo / si por la tierra no vais? / Para quién vais al Carmelo / Si subis y no bajáis”?

Sanará viejas heridas / las alcuzas de la ley? / Son banderas o son vidas / las batallas de este Rey”?

“Es le curia o es la calle; / donde grana la misión? / Si dejáis que el Viento calle / que oiréis en la oración?”

“Si no oís la voz del Viento / qué palabra llevaréis? / Que daréis por sacramento / si no os dais en lo que tenéis”?

“Si cedéis ante el imperio / la Esperanza y la Verdad / quién proclamará el misterio / de la entera Libertad”?

“Si el Señor es Pan y Vino / y el Camino por do vais / si al andar se hace caminho / qué camino esperáis?”

VIVIA NUM “PALÁCIO” DE MADEIRA DE TERCEIRA CATEGORIA, E COM EXTREMA SIMPLICIDADE. IDENTIFICAVA-SE TANTO COM OS INDÍGENAS E PEÕES ASSASSINADOS, QUE QUIS SER ENTERRADO NO “CEMITÉRIO DO SERTÃO”, ONDE ELES, ANÓNIMOS, JAZEM:

“Para descansar / quero só esta cruz de pau / com chuva e sol; / estes sete palmos e a Ressurreição”.

E ASSIM IMAGINOU O GRANDE ENCONTRO COM O AMADO QUE SERVIU NOS CONDENADOS DA TERRA:

**“Ao final do caminho me dirá
E tu, viveste? Amaste?
E eu, sem dizer nada,
Abrirei o coração cheio de nomes”.**



O clamor da sua profecia, a total entrega de Pastor aos mais oprimidos, a poesia que alimentará nossa beleza, e a sua mística de olhos abertos e das mãos operosas permanecerão como um legado perene às comunidades cristãs, ao nosso país que ele amou, e à humanidade inteira.

LEONARDO BOFF é ecoteólogo, filósofo e velho amigo de Pedro Casaldaliga.